



MEDICINA E INTERCÂMBIO CIENTÍFICO DURANTE O SÉCULO XIX : OS MEDICOS MILITARES E O PAPEL DOS ARCHIVES DE MÉDECINE NAVALE

Rosa Helena de Santana Girão de Morais

rhsg.morais@gmail.com

Doutoranda-École des Hautes Études en Sciences Sociales/Paris-França

RESUMO

Durante o século XIX, os conhecimentos médicos sobre uma determinada região poderiam ser obtidos somente através de viagens científicas, pela observação direta, ou por contatos com as autoridades médicas locais. Os escritos dos médicos e em particular dos médicos militares, se mostraram indispensáveis para o desenvolvimento da geografia médica. A observação das doenças, do espaço geográfico e da sociedade tiveram uma orientação multidisciplinar e distinta daquela produzida pelos viajantes naturalistas. Os médicos militares se consideraram como os únicos capazes de coletar as informações sobre terras longínquas de maneira objetiva e despersonalizada. Para estes, o trabalho dos viajantes que os precederam baseavam-se numa visão muito romântica do mundo. Os periódicos médicos especializados muito contribuíram para a divulgação e promoção dos relatos médicos de terras distantes. Destaca-se o papel dos *Archives de Médecine Navale*, importante periódico fundado na França, em 1864, que acompanhou os avanços dos estudos em 'patologia exótica' nas regiões de clima quente e úmido e nas colônias européias.

Keywords: Geografia médica, *Archives de Médecine Navale*, médico militar.

INTRODUÇÃO

Em fins do século XIX, houve um movimento pela internacionalização da ciência como reação à segmentação e a atomização da atividade científica, os quais foram impulsionados pelo 'espírito nacionalista' (LÖWY, p. 21, 2001). A explosão de um *corpus* de saberes produziu uma percepção da diversidade. O movimento pela internacionalização da ciência vislumbrou a eficácia da atividade científica, da economia das formas e de energia (CHARTIER ; CORSI, 1996). As condições intelectuais e materiais daquele final de século vão, de fato, favorecer a luta contra esse 'esmigalhamento' do conhecimento científico. A internacionalização da economia, das comunicações, da política e dos saberes promoveram o nascimento de interrogações e reflexões sobre os limites do nacionalismo e sobre a exigência de novas normas de eficácia.

O interesse pelas atividades de classificação, codificação e pelo domínio dos saberes se desenvolveu durante este período. O século XIX foi a 'era de ouro' da produção de gramáticas, de lexicografias e de uma literatura preocupada em universalizar as nomenclaturas, as disciplinas e as metodologias científicas. As biografias, os testemunhos verbais ou visuais e os elogios contribuíram para a construção das identidades nacionais e científicas. Os investigadores geralmente se identificavam com sua própria disciplina científica e com a nação a qual pertenciam. Estes investigadores consideravam os outros como seus confrades, mas também como potenciais concorrentes no que se refere ao plano nacional. Os médicos foram particularmente engajados em relação ao seu país de origem e também à 'humanidade'. Desenvolveu-se uma imagem deificada dos 'sábios' a qual não emergiu simplesmente, ela foi, na verdade criada pelas comunidades científicas nacionais que tinham a tradição de os envolver em questões ideológicas importantes. Rapidamente, os 'sábios da medicina' foram vistos como gênios universais e como personificação de símbolo nacional. A maior parte dos médicos originaram-se da burguesia, isto não quer dizer que não houvesse dissensões políticas e ideológicas no seio da comunidade médico-científica. No entanto, os principais elementos de uma ideologia burguesa liberal estiveram entre eles presentes e foram largamente admitidos.

Os congressos internacionais, as academias e também os periódicos e jornais, foram as principais tribunas para a difusão dos saberes diversos e concorreram para o reagrupamento das atividades técnico-científicas. Contudo, publicar não era o suficiente. Foi preciso comparar, discutir e se esforçar para encontrar uma homogeneidade nas nomenclaturas, nas línguas e nas idéias.

No fim do século, os periódicos médicos eram razoavelmente numerosos. Cultivavam o senso da comunidade e contribuíam para a união desses profissionais que se encontravam, por vezes, distantes geograficamente, mas não mentalmente. Os periódicos funcionaram como uma tribuna para a legitimação de novas disciplinas e de novos conceitos científicos. Nas suas páginas o debate científico ganhou uma nova dimensão. Pode-se compará-los à barcos que unem os continentes e favorecem a circulação das idéias. Desta maneira, eles promoveram a diminuição das distâncias entre os países e entre os homens de ciência graças à uma dinâmica de troca de saberes, que favoreceu à uma uniformização dos conceitos e das práticas técnico-científicas. Foram assim, um importante veículo de difusão das pesquisas provendo, por conseguinte, debates fora do espaço institucionalizado das sociedades, universidades e academias.

O PAPEL DOS ARCHIVES DE MÉDECINE NAVALE

Conforme mencionado anteriormente, o ideal universalista científico encontrou um espaço fértil para se desenvolver nos periódicos. No que se refere ao saber médico em particular, os *Archives de Médecine Navale* foram um exemplo ilustrativo. Este periódico foi fundado em 1864, na França, e esteve sob a direção de Alfred Le Roy de Méricourt, professor na *École de Médecine Navale* e oficial da *Légion d'Honneur*. Segundo as palavras do próprio Méricourt, os AMN divulgavam os relatórios de médicos que haviam trabalhado nos países longínquos, nos países de clima quente, como eram chamados, com o fim de estabelecer um vínculo entre as 'informações perdidas ou lacunares referentes a colonização europeia. Objetivava a divulgação das condições sanitárias e epidemiológicas dos 'trópicos'¹ que porventura passassem em silêncio (LE ROY DE MÉRICOURT, p. 5-11, 1864). Os AMN foram um periódico especializado em geografia médica muito importante para a construção de uma síntese dos saberes médicos.

A rede de pesquisas por ele estabelecida serviu para reforçar os vínculos e a autonomia dos médicos da marina francesa. A elaboração de um mapa nosológico implicou no desenvolvimento de um programa de pesquisas médicas amplo e preciso. Os AMN teriam o compromisso de coletar os « materiais relativos à higiene naval, a patologia e à climatologia exóticas, à etnologia e às ciências naturais» (ibid.). O periódico foi árbitro de novos domínios do saber e procurou ocupar-se somente de questões de fato, se afastando de discussões pessoais que representassem perigo para a edificação do saber médico. As questões incompletas, obscuras ou controversas seriam, por conseguinte, descreditadas em detrimento de informações objetivas e precisas (ibid., p. 7).

É preciso assinalar que a experiência francesa não foi única. Este tipo de iniciativa foi tomada também por outros países, tais como a Inglaterra com o seu *Annual Statistical Reports* e os Estados Unidos com o *National Board of Health Bulletin*; na Alemanha houveram publicações de geografia médica, como o *Mittheilungen von Petermn*, e na Itália

¹ A palavra 'tropical' comporta muitas significações que evocam a diversidade de regiões, de climas e de pessoas. Os estudos sobre os trópicos englobam uma diversidade de abordagens, dentre as quais a geográfica é a mais ilustrativa. Esta abordagem específica deu origem a representações negativas que indicavam a existência de um determinismo racial e climático em relação as regiões de clima quente e úmido. O norte da África, por exemplo, se estende ao longo do trópico de cancer e esta localizado numa zona temperada. Esta região não apresenta características atrativas ou repulsivas como as que associaram-se às zonas tropicais. No entanto, a palavra 'tropical' coincide aqui, com a palavra 'colonial'. Neste caso e dentro da perspectiva europeia, os trópicos evocavam a pobreza e a miséria fisiológica que seriam intrínsecas à estas localidades. Referência : ARNOLD, David. Introduction: Tropical Medicine before Manson. In Arnold, David (org.). **Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine, 1500-1900**. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1996. Pp. 1-19.

algum assunto sobre este domínio no *Geographia nosológica dell'Italia* (DECHAMBRE, p. 385, 1882).

Naquele momento, os conhecimentos médicos sobre uma determinada região somente poderiam ser obtidos através de uma viagem científica, pela observação direta, ou ainda através de contatos com as autoridades médicas locais². Desta maneira, o papel desempenhado pelos médicos, civis ou militares, que trabalharam em expedições nas colônias e nas regiões de clima quente foram supervalorizados em detrimento do médico que exercia a medicina no gabinete, na metrópole. Jules Rochard, diretor do serviço da marinha francesa do porto de Breste, mostrou o papel fundamental desempenhado pelos médicos militares e chamou a atenção para a falta de uma classificação homogênea das doenças. Esta tarefa, que consistia em 'desembaralhar' o caos em que vivia a nomenclatura nosológica naquele momento, além da grande dificuldade em desenvolver práticas médicas que resultassem, de fato, na cura de doenças, seria uma missão para os médicos, sobretudo os militares (ROCHARD, p. 257-8, 1871). Segundo o renomado médico da marinha, Fossagrives (1856), evidenciava-se a necessidade de organizar congressos médicos, de elaborar um programa de estudos comum, visto que a climatologia médica se encontrava ainda na sua infância e que, existia uma total falta de consenso sobre as terminologias médicas referentes à 'patologia exótica' (FONSSAGRIVES, pp. 118-19, 1876).

No dizer de Méricourt, o estatuto dos médicos das diferentes marinhas européias comporiam uma espécie de 'falange organizada de trabalhadores cujos estudos mereciam plena confiança'. Os AMN foram então a expressão desta união almejada pelos médicos dispersos em todos os cantos do globo. Uma vez estabelecidos os objetivos, foi preciso elaborar um rígido controle sob os trabalhos de observação efetuados por médicos que serviam nas estações navais. De maneira geral, os editores dos periódicos especializados, como os AMN, procuravam indicar o nome e a origem das publicações, quando as mesmas lhes pareciam controversas. Assim, as publicações se sujeitavam à análise das autoridades médicas concernentes, visando a validação dos saberes. Esta « fórmula » consistia numa espécie de provocação à discussão e também visava mostrar a contribuição dos autores e das escolas médicas mais renomadas. Nota-se também, uma preocupação com as informações veiculadas. As fontes de contradição residiriam, as vezes, na divergência dos procedimentos de observação (BROCA, p.369-504, 1865).

Os periódicos contribuíram para a legitimação da autoridade médica à medida que procuravam avaliar as contribuições dos médicos das diversas regiões. É perceptível a existência de uma distinção hierárquica neste meio profissional que se estruturou sob uma 'geografia política'. As categorias profissionais ou as comunidades médicas deviam, pois, passar por uma apreciação rigorosa e se submeter ao julgamento dos fóruns de legitimação científica cujos fundamentos repousavam, algumas vezes, no preconceito nacionalista. A lógica que ditava os AMN baseava-se na confiança que os fatos científicos deveriam inspirar, mas também dependia da 'moral' do observador. O estabelecimento dos fatos científicos em circulação neste periódico se constituiu, desta maneira, numa tribuna de competência científica³.

² Durante o século XIX, este tipo de empreendimento foi efetuado por alguns médicos franceses que publicaram obras sobre a nosologia brasileira. Sigaud, por exemplo, médico francês que se instalou no Brasil e foi autor da célebre obra *Du climat et des maladies du Brésil ou Statistique médicale de cet empire* (1844), forneceu numerosas informações sobre as condições sanitárias do país. Um outro médico francês, Alphonse Rendu, foi encarregado pelo ministro da instrução pública francesa de realizar uma investigação, entre os anos de 1843 e 1845, sobre as doenças que afetavam comumente os brasileiros e os europeus que se instalaram no Brasil. Conferir : **Études topographiques, médicales et agronomiques sur le Brésil**. Paris chez J.-B. Baillière, 1848.

³ Pode-se constatar isto nos assuntos dos artigos que foram publicados pelos médicos brasileiros nos AMN. Enquanto que doenças como o ainhum, a hematuria, a dracunculose, a ancilostomose, o beribéri, ocupavam as páginas do periódico - claro fica que são doenças que acometiam mais os negros escravos ; outras doenças jamais mereceram tal espaço. Este é o caso da febre amarela, doença que os médicos europeus se consideravam mais conhecedores que os brasileiros, visto que acometia suas colônias nas Antilhas e sobretudo

Os AMN contavam com a contribuição de 'sábios' renomados, mas também de 'ilustres desconhecidos', os quais haviam a oportunidade de se beneficiarem das suas publicações, favorecendo suas carreiras profissionais. Relatórios de médicos que serviam em expedições em terras distantes, os quais transcreviam neles suas observações e tratamentos contra doenças, algumas desconhecidas da maior parte dos europeus, preencheram comumente as páginas do periódico. Nestes casos, os redatores preferiam reproduzir integralmente ou em parte, as observações mais interessantes e desta maneira *laisser parler* os autores, com o fim de lhes 'atribuir toda responsabilidade e, ao mesmo tempo, toda veracidade de suas opiniões' (DUPLOUY, pp. 573-81, 1864).

Para o estabelecimento de regras para a realização das pesquisas médicas foi preciso contar com o auxílio de instituições e profissionais capazes de elaborar instruções e técnicas para o bom andamento das observações em campo. À Sociedade de Antropologia de Paris, na pessoa do renomado médico Paul Broca, coube a tarefa de elaboração dessas instruções. Broca escreveu um extenso artigo sobre *Instructions générales pour les Recherches et Observations anthropologiques*, e estabeleceu não somente regras, mas procurou mostrar os instrumentos com os quais o viajante poderia levar à cabo suas investigações antropológicas. As instruções foram elaboradas para todo tipo de viajante, seja ele médico ou simples diletante, não importava, os modos de bem proceder em terras estrangeiras foram o mesmo para todos, visto que a falta de precisão das informações coletas poderia comprometer o resultado das investigações e pôr em dúvida a credibilidade do observador.

Com a ajuda dos questionários e dos instrumentos de pesquisa, Paul Broca, mostra a importância da precisão e da legitimidade dos dados coletados em campo :

Mesmo sendo numerosas, as observações, possuem, até o momento, em relação a maior parte das raças humanas, noções muito superficiais e sempre contraditórias, visto que, mesmo os viajantes mais zelosos, e inclusive os mais esclarecidos, obedecem somente à suas próprias inspirações; não têm diante dos olhos um objetivo bem determinado, não conhecem as questões que são realmente importantes à serem elucidadas, enfim, não são iniciados nos procedimentos de investigação em antropologia, e se contentam em elaborar notas furtivas ou em apresentar impressões mais ou menos exatas (BROCA, p. 369, 1865).

Estes questionários e instruções se multiplicaram durante o século XIX com o fim de orientar os diversos viajantes. Da mesma maneira que Broca, outro médico, Raphael Blanchard, também escreveu nas páginas dos AMN as suas instruções repletas de conselhos úteis que visavam ajudar os médicos da marinha à realizar suas observações :

E preciso procurar espécimens de drogas animais (sic) ou exemplares de parasitas. Estas coleções, não muito incômodas e fáceis de transportar, podemos enviar para o Museu Orfila que, desde então, esta sob o auspício de Davaine, que é sem dúvida o melhor conhecedor dos helmintos parasitas do homem. (...) Pertence aos médicos do corpo de saúde da marinha a tarefa de nos ajudar à completar e à contribuir, ao mesmo tempo que aumentar, as coleções já existentes. (...) o zelo, a dedicação à ciência, o progresso considerável que têm feito à patologia étnica e à helmintologia têm sido igualmente muito apreciados (BLANCHARD, p. 43-69, 1885).

no Senegal. Os relatórios dos médicos que serviram na estação naval francesa, que aqui esteve aportada durante os anos de 1819 à 1870, mostra isto de maneira clara. Os médicos franceses se mostraram extremamente reticentes aos tratamentos empregados pelos médicos brasileiros contra a febre amarela. Para saber mais sobre este assunto, vide minha tese de doutorado defendida na EHESF-França, em 2009.

Quanto a divisão, os AMN compreendiam dois fascículos dividido em duas partes ; na primeira, um artigo era consagrado as metodologias, as noções e as hipóteses levantadas pelos médicos da marinha, do ponto de vista da higiene, da climatologia, da patologia, das diferentes regiões do globo. Nesta parte os médicos tinham a oportunidade de exprimir suas idéias expondo seus relatórios de expedições. Todas as informações divulgadas no periódico poderiam ser mesmo complementadas, caso houvesse necessidade, com a literatura clássica sobre geografia médica, emprestada por vezes de autores alemães, ingleses ou espanhóis. No dizer de Méricourt, a tarefa do corpo de saúde da marinha foi o de elaborar uma obra duradoura e homogênea sobre a geografia médica e sobre a 'patologia exótica' do mundo inteiro (LE ROY DE MÉRICOURT, p. 8-9, 1864).

O periódico possuía ainda uma Revista Crítica que mostrava e apreciava as contribuições de obras francesas e estrangeiras. Um grande impulso foi dado à pesquisa e a obras que, de outra maneira, poderiam ter permanecido à margem da apreciação científica (Ibid, p. 11).

A ERA DA DESCOBERTA : AS VIAGENS CIENTÍFICAS E A HISTÓRIA NATURAL

As grandes expedições científicas e as viagens promoveram a coleta de espécimens e de informações que foram úteis à história natural. A análise de J. Browne, que coloca no mesmo patamar as viagens de médicos e de viajantes do século XIX, é pertinente à esta parte (BROWNE, p. 959-67, 2001).

Os naturalistas transformaram os materiais coletados em objetos de museu, em jornais de bordo, mapas, livros, cartas, etc. Do ponto de vista das técnicas e das práticas, das localidades exploradas e do pessoal que trabalhava nas expedições, a coleta efetuada por médicos, em suas viagens, seguiu também a tradição da história natural. Dito de outra maneira, a natureza do trabalho como identidade foi similar tanto para os naturalistas como para os médicos. No que se refere aos objetivos de ambos, é importante assinalar que, invariavelmente, o material das expedições foi parte intrínseca de uma infraestrutura colocada à serviço do colonialismo europeu. A coleta dos materiais fez parte dos objetivos de exploração científica e todas as coleções de plantas, animais e objetos não vivos foram, indubitavelmente, confiados aos museus europeus ou aos museus da América do norte. Para os médicos viajantes, os espécimens vivos – insetos, por exemplo-, foram objetos de estudo e se constituíram a base dos estudos sobre as doenças tropicais, tais como a febre amarela, a malária, dentre outras. Todo este material se transformou em objeto de erudição e de 'poder' – geográfico, nacional e científico. A história natural e os espécimens etnográficos se transformaram explicitamente numa representação visível do saber ocidental.

VIAJANTES NATURALISTAS E MÉDICOS MILITARES

Durante o século XIX, o conhecimento sobre os continentes, os itinerários marítimos e as ligações entre os oceanos foi assegurada pelos viajantes o quais mostraram-se desejosos do controle das fontes naturais localizadas no interior dos territórios. Durante este período, foi produzido uma nova concepção que a Europa tinha dela mesma e das suas relações com outras regiões do mundo. Os naturalistas participaram intensamente deste processo elaborando textos descritivos especializados os quais continham nomenclaturas e taxonomias de plantas e de animais pertencentes às localidades extra-européias. Os relatos de viagem aperfeiçoaram-se e especializaram-se nos mais diferentes ramos de saberes. As viagens se beneficiaram sobretudo das pesquisas de Lineu, o qual teve a tarefa de localizar espécies, de estudar suas origens, enfim retirá-las do 'caos' reinante promovendo sua organização e classificação de acordo com normas científicas sistematizadas.

As viagens científicas se transformaram em negócio do Estado. Esta orientação foi o resultado da vontade dos 'sábios' em afirmar a utilidade das viagens, mais também da necessidade de dominar este fenômeno que havia tomado uma dimensão global. A credibilidade das informações coletadas e o rigor científico exigido permitiu aos viajantes sobrepujar as críticas que lhes eram dirigidas. No final do século XVII, o *Jardin du Roi*, em

Paris, e seu sucessor, o *Musée d'Histoire Naturelle*, solicitaram aos naturalistas viajantes qualificados um 'catálogo da natureza'. Geralmente, os viajantes, filósofos e naturalistas dos séculos XVII e XVIII se que munissem de instrumentos e efetuassem, durante suas viagens, observações e medições. Em 1824, o ministério da marinha e das colônias publicou as *Instructions pour les voyageurs et les employés dans les colonies : sur la manière de recueillir, de conserver et d'envoyer les objets d'histoire naturelle, rédigées sur l'invitation de M. le ministre de la marine et des colonies - par l'administration du Muséum impérial d'histoire naturelle*, cujo autor foi André Thouin (1845). Esta publicação foi muito útil à todos os viajantes que procuravam se aperfeiçoar nos campos da geologia, da etnologia e da botânica. A maneira de redigir os diários de viagem também passou pela apreciação do Estado, o qual preocupava-se em organizar e enriquecer as coleções dos museus e jardins europeus (GUIMARÃES, p. 389-410, 2000). Estes tipos de viagens se inscrevem num momento distinto da história européia, ou seja, aquele do 'processo civilizatório', que foi bem definido por Norbert Elias (1994). Graças à esta nova perspectiva, as relações entre a Europa e a América cessaram de se fundar sob a violência que presidiu os primeiros contatos entre os europeus e os americanos, no início da colonização.

Existem os mais diversos tipos de viagens científicas. Algumas foram bastante importantes devido a amplitude dos itinerários ou por causa da prerrogativa dirigida à análise de aspectos específicos. Assim dito, as viagens ganharam uma característica multidisciplinar e fundamentaram-se sob um saber científico que foi utilizado para a redefinição das relações entre o europeu e o 'outro'. Um inventário da natureza foi feito com o fim de explicar à Europa as novas paisagens e o novo homem, a 'marcha da civilização', dito de outra forma, as singularidades do Novo Mundo.

Para concretizar esta tarefa, houve uma preocupação de levar, durante as viagens, barômetros, mapas, telescópios, enfim, todo tipo de instrumento que pudesse servir para medir e calcular. As observações físicas e meteorológicas, preferiu-se às anotações pitorescas, visto que, desde fins do século XVIII, existia uma preocupação com a exatidão das informações coletadas. Os instrumentos se aperfeiçoavam rapidamente e cada vez mais, pareciam englobar um maior conhecimento da natureza. O viajante percebeu que, depois de efetuar suas observações quotidianas dos fenômenos, havia a necessidade de comparar as medidas, submetendo-as à confrontação com dados coletados por outros viajantes.

A questão da coordenação dos instrumentos e da comparação das medidas trouxe à tona o problema da standardização. Claro estava, a existência de uma dificuldade de coordenação das atividades de medição e de como elas deveriam ser veiculadas. Esta necessidade de calibrar as informações coletadas resultou numa 'dinâmica expansionista, dedicada à inventariar o espaço e à aumentar as fronteiras do mundo conhecido, e impôs a vontade de valorizar os números, a precisão, a estabilidade, quesitos importantes para o estudo das regiões inexploradas aonde até então permaneciam os mitos, as fábulas e as lendas' (BOURGUET; LICOPPE, p. 1115-51, 1997; BOURGUET; BONNEUIL, s.d.).

Durante muito tempo os relatos dos viajantes naturalistas foram desvalorizados e qualificados de literatura geográfica, o que resultou numa desqualificação e desconfiança do seu trabalho, numa atitude condescendente por parte de historiadores ou de literatos. Na verdade, os viajantes não tiveram uma pretensão à literatura. O estilo se media à sua originalidade e à densidade das informações que eles traziam das terras longínquoas. A maneira de relatar e de descrever própria dos viajantes daquela época se inscrevia numa lógica de inteligibilidade particular e respondia à uma diferente concepção da natureza. A iconografia e seus relatos de viagem pretendiam descrever a totalidade dos diversos elementos de uma localidade de maneira exaustiva e aprofundada. A descrição das sensações parecia retratar a realidade. Para viajar, era preciso fazer uso das técnicas da retórica e da arte (KURY, p. 863-80, 2001). Para os viajantes, a multiplicidade das sensações poderia e deveria ser descrita pela ciência.

O grande avanço das técnicas de redação de relatos de viagens fez parte de um fenômeno global que aspirou à difusão do saber à todas escalas. Esta fenômeno atingiu toda a produção editorial francesa que aumentou vertiginosamente no início do século XIX, para a grande satisfação de um público diverso e ávido deste tipo de literatura. Também o médico participou deste fenômeno. No entanto, o médico militar, em particular, manteve um posicionamento crítico em relação ao relato de viagem produzido pelos viajantes naturalistas. O que pode ser percebido nas páginas dos AMN.

Os médicos militares que serviram em expedições nas regiões de clima quente ou nas colônias ocuparam um lugar central. O principal objetivo das viagens, segundo os médicos militares franceses, era o de coletar os materiais relativos à higiene naval, à patologia e a climatologia exóticas, à etnologia e às ciências naturais (LE ROY DE MÉRICOURT, p. 5-11, 1864). No que se refere às doenças e à descrição geográfica das localidades, os médicos colocaram em questão os relatos de viagem incompletos, obscuros ou controversos. Desta maneira, os médicos se consideravam como o únicos capazes de registrar informações de maneira precisa, inteligível e despersonalizada. O trabalho dos viajantes naturalistas foi criticado por várias autoridades médicas, dentre às quais Jean-François-Xavier Sigaud (1706-1878), em sua celebre obra *Du Climat et des Maladies du Brésil ou Statistique Médicale de cet Empire*. Sigaud criticou duramente os registros patológicos dos viajantes naturalistas enquanto fonte de conhecimento sobre o clima e sobre as doenças⁴. Para este médico, era preciso lançar um olhar crítico sob os relatos de viajantes naturalistas, pois as suas descrições eram ‘pomposas e exageradas’. Era preciso ainda, deixar de lado ‘as descrições poéticas’, e ter muita paciência diante das narrações obrigatórias sobre os perigos quotidianos, para encontrar, ao final de uma enfadonha leitura, um pequeno número de fatos científicos referentes ao clima e às doenças. Sigaud assinalou a existência de uma quantidade ínfima de doenças que eram tratadas nestes relatos as quais eram, na verdade, um mero eco de crenças tradicionais que repousavam sob tratamentos populares e, raramente apresentavam indícios de diagnósticos verdadeiros (SIGAUD, p. 2-5, 1844).

O médico Jules Rochard (1868), exaltava o papel desempenhado pelos médicos militares e criticava os ‘antigos’ pela falta de precisão nas observações: ‘falta-lhes os fundamentos do saber (...). São levados pela imaginação às mais altas esferas da metafísica ; eles não têm os pés fincados no chão e é justamente aonde, nós, médicos devemos fixar os nossos’ (ROCHARD, p. 302-308, 1868). Outro médico militar, J. Mahé (1882) precisava que os médicos militares, preocupados em estabelecer os fundamentos da geografia médica, duvidavam dos estudos ‘pouco sistemáticos, e inclusive, errôneos’ que entravavam o desenvolvimento daquela disciplina (MAHÉ, p. 1-400, 1882). De fato, os médicos franceses que serviram em expedições no Egito e na Argélia, tiveram como missão principal corrigir os equívocos dos naturalistas e dos viajantes que haviam estado, à trabalho, naquelas localidades (OSBORNE, p. 80-98, 1996).

Durante o século XIX, as experiências tiradas dessas expedições resultaram num aumento da produção literária e científica na França. Dentre os tratados de geografia médica mais conhecidos pode-se citar os de Auguste Warnier (1810-1875), Eugène Bodichon (1810-1885), Auguste Vital (1810-1874), Jean-Napoléon Périer (1809-1880), e de Jean-Christian Boudin (1806-1867). A coleta e a análise das informações que estes médicos militares fizeram inspirou a produção de muitos outros escritos médicos. Os temas tratados nestas obras referiam-se à botânica e à arqueologia, mas a maior parte dentre eles se consagrou às observações etnográficas da população local⁵.

⁴ Sigaud nasceu em Marselha (02/12/1796). Faleceu no Rio de Janeiro (10/10/1856). O médico chegou no Brasil em 1826. Trabalhou no Rio Grande do Sul, e estudou a topografia médica, a epidemia de escarlatina e de tuberculose durante os conflitos que opuseram o Brasil e as repúblicas da região platina ; período durante o qual muitas doenças acometeram às tropas e a população local. No entanto, a sua obras sobre o clima e as doenças do Brasil, é sem dúvida a sua maior herança aos primórdios da geografia médica no Brasil daquela época.

⁵ Lorcin mostra que os médicos militares franceses que serviram na Argélia, produziram uma gama de pesquisas etiológicas cujas observações estiveram carregadas de preconceitos raciais e sócio-culturais que

De maneira que, os médicos militares reivindicavam o estabelecimento de uma linguagem comum. O médico Mahé resumiu o pensamento dos seus confrades afirmando que a elaboração de mapas nosológicos exigia uma análise crítica das 'denominações de doenças que haviam sido edificadas sob superstições populares, sob a medicina local, (...) sob o sistema de escolas, sob doutrinas recentemente estabelecidas e generalizantes' (MAHÉ, 1882). A falta de rigor prejudicaria a elaboração de nomenclaturas nosológicas claras e uniformes. O olhar do médico viajante, sobretudo do militar, seria diferenciado e, esta perspectiva foi abraçada pelos médicos como maneira de legitimar a autoridade médica em relação as novas disciplinas emergentes, à saber à 'patologia exótica', modo como era denominada, dentro da tradição francesa, as doenças vindas de outras partes, fora da Europa (MOULIN, p. 7-13, 1996).

Méricourt, se mostrava igualmente dubitativo com os estudos nosológicos recolhidos nos regiões longínquas, visto que, a maior dificuldade consistia justamente em controlar as observações que vinham de lugares distantes. Os estudos deveriam, segundo este médico, passar pelo crivo das autoridades científicas européias. O pululamento de diferentes denominações de doenças resultava da grande quantidade de idiomas, de localidades, de observadores, de erros de diagnóstico, de estudos superficiais feitos por viajantes que não tinham conhecimento médico. Outros viajantes estariam motivados por interesses que não eram científicos, mas pelo amor à novidade e à aventura (LE ROY DE MÉRICOURT, 1864).

Finalmente, o que se pode perceber na retórica dos médicos militares é uma vontade de romper com os modos de proceder tradicionais dos viajantes dos séculos XVIII e de meados do XIX. Os médicos militares, devido a formação rígida e a disciplina própria do quadro militar, se consideravam mais aptos à elaborar um mapa nosológico do globo. No entanto, como vimos à pouco, os viajantes naturalistas tinham uma preocupação com a exatidão das informações coletadas, não lhes faltava os conhecimentos preliminares e os meios materiais para a feita de suas pesquisas. Mas os médicos militares, como percebe-se nos discursos acima, se colocavam como os únicos capazes de exercer o *métier* de observador privilegiado em seus postos de observação localizados nas regiões de clima quente e úmido e nas possessões territoriais européias.

O TRABALHO DO MÉDICO EXPLORADOR

Os estudos de topografia médica iniciaram-se por volta do final do século XVIII e avançaram vigorosamente pelo século XIX. Dentro de uma tradição hipocrática, cada 'explorador' examinava uma determinada localidade, precisando as condições meteorológicas, a distribuição das doenças na população local e procurava visitar os residentes europeus, dispensando-lhes conselhos e recomendações higiênicas. Os médicos, ao chegar nas regiões de clima quente, procuravam primeiramente observar as 'águas e as terras'. Recolhiam informações sob o que consideravam como anormalidades e desvios. Analisavam escrupulosamente os dados disponíveis com o fim de construir o futuro da ciência médica, pondo em evidência a união entre as racionalidades 'antigas' e as novas (CABANIS, 1830).

Os médicos militares foram pioneiros, exploradores privilegiados. A percepção utilitarista foi um traço dominante na visão desses viajantes desejosos de dar respostas às exigências de um público ávido por novidades, sobretudo dos homens de Estado. A ocupação do espaço e sua exploração foi vista da maneira mais precisa e utilitarista possível. O espaço foi percebido como espaço utilizável e útil dentro da perspectiva do povoamento e da exploração econômica. O médico J.-B. Hombron, enquanto esteve servindo à bordo da embarcação *Alerte* no Brasil, pôde efetuar alguns registros sobre a paisagem brasileira com

foram, no entanto, perfeitamente aceitos e se desenvolveram entre os 'sábios'. A autora explica que a higiene e a medicina da administração colonial francesa foram fruto da utopia filosófica de 'sábios' franceses que desejavam desenvolver a 'civilização' aos povos que, estavam, por assim dizer, privados dela. Referência : LORCIN, Patricia M. E. Imperialism, Colonial Identity, and Race in Algeria, 1830-1870: The Role of the French Medical Corps. **Isis: The History of Science Society**, 90: 653-679, 1999.

o fim de valorizar o potencial econômico local. Nas suas andanças aos arredores do Rio de Janeiro, ele havia descoberto uma planta comercializável :

*A chérimolia péruviana é mais facilmente encontrada na Bahia do que no Rio de Janeiro, no entanto à julgar pela latitude do lugar, não é tão fácil encontrá-la aqui (...). É uma planta bastante procurada, mais os brasileiros são negligentes no seu cultivo ; eu penso seriamente que um clima mais constante lhe seria conveniente. Esta planta teria sucesso se fosse cultivada nas montanhas de nossa Guadalupe, aonde todos os legumes têm prosperado (...)*⁶.

O médico viajante dava precisões topográficas e numéricas, informações sanitárias e econômicas variadas. Ele procurava os principais produtos e os artigos comercializáveis. Da mesma forma, o médico fazia reflexões, dava conselhos ou sugestões de como o espaço poderia ser melhor aproveitado afim de assegurar o desenvolvimento humano e econômico, o desenvolvimento mais amplo e lucrativo da colonização, ou simplesmente ele procurava fazer-se útil, mostrar-se capaz de empregar seus conhecimentos em prol da colonização e do comércio (POTELET, p. 57-58, 1993).

Nas colônias, os cuidados médicos eram ministrados primeiramente às tropas e aos residentes europeus. Somente num segundo momento é que os médicos prestavam cuidados à população local (ARNOLD, p. 1398, 1993). No entanto, mesmo privilegiando as tropas e os residentes europeus a lógica intervencionista ditava que fosse garantido um nível mínimo de saúde à população local por causa dos contatos que a mesma tinha com os europeus.

A maior parte dos médicos temia os efeitos nocivos do clima quente e úmido dos 'trópicos'. Para eles, os europeus apresentavam, ao chegar nestas localidades, um estado anêmico causado pela ação do calor que levava à uma inércia das funções digestivas, produzia diarreias caracterizadas principalmente pela aversão aos alimentos, produzia também náuseas, vômitos biliosos e cefalalgias⁷. O contato dos europeus com uma atmosfera quente e úmida provocaria uma grande excitação das funções orgânicas. As atividades musculares e o apetite aumentava, mas estas manifestações fisiológicas cessavam logo após algumas semanas e davam lugar à um estado de languidez. O peso corporal aumentava e a vivacidade era substituída pela indolência. A secreção biliar, a transpiração excessiva seriam os principais indícios do aumento das funções excretoras. A força física declinava sensivelmente, a pele se tornava pálida, os tecidos se deslocavam, o intelecto caía numa espécie de torpor. Os indivíduos manifestavam um estado conhecido como cachexia, hipoemia ou anemia tropical, e estariam pois, suscetíveis à todo tipo de infecção endêmica ou epidêmica local.

No entanto, os europeus haviam percebido, desde logo, a conduta que era permitida na Europa e aquela nos trópicos. Os relatos de viagem, os jornais de bordo enriqueciam-se à cada expedição empreendida com conselhos higiênicos elaborados segundo à experiência pessoal do médico viajante. Recomendações simples, como por exemplo, a maneira correta de se vestir ou o controle dos excessos alimentícios, foram muito importantes para facilitar a adaptação e mesmo evitar a morte dos europeus nestas localidades. Estas regras de bem viver derão uma característica eminentemente preventiva à medicina desta época. As recomendações higiênicas variavam, no entanto, segundo a experiência de cada médico vivida no campo, mas todas elas derivavam da matriz hipocrática.

⁶ Embarcação *Alerte*. Relatório médico (1831-1832). Série n° CC² 963, Serviço Histórico da Marinha, Vincennes.

⁷ Embarcação *Entrecasteaux*. Relatório médico (1859-62). Série n° CC² 961, Serviço Histórico da Marinha, Vincennes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fundamentos da geografia médica, disciplina encarregada de elaborar um mapa nosológico do globo, foram erigidos por um grupo de profissionais constituído majoritariamente por médicos militares vindos das marinhas europeias. A determinação, o rigor na coleta das informações das terras extra-europeias foi uma característica marcante do trabalho do médico militar. Neste dado momento, houve uma grande preocupação com a standardização dos conhecimentos sobre as doenças, suas denominações, diagnóstico e tratamentos.

Os periódicos especializados se multiplicaram à partir do século XIX e funcionaram como tribunas para os saberes veiculados. Eles contribuíram para a promoção de um movimento de universalização e de síntese dos conhecimentos científicos. Na França, os *Archives de Médecine Navale* foram um importante instrumento para a circulação dos saberes sobre as regiões de clima quente e úmido e se constituíram num fórum de legitimação da autoridade médico-científica. Um dos objetivos deste periódico foi o de divulgar pesquisas que interessavam de perto à política colonialista europeia.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Warwick. Diseases, Race, and Empire. **Bulletin of the History of Medicine**, 70:62-67, 1996.

_____. Climates of Opinion: Acclimatisation in Nineteenth Century France And England. **Victorian Studies**, 35:155-57, 1992.

ARMAND, Adolphe. **Traité de climatologie générale du globe. Études médicales sur tous les climats**. Paris : G. Masson Editeur, 1873.

ARNOLD, David (org). **Imperial Medicine and indigenous societies**. Manchester and New York: Manchester University Press, 1988.

_____. **Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine, 1500-1900**. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1996.

_____. Medicine and colonialism. in Bynum, W. F. & Porter, Roy. **Companion Encyclopedia of the History of Medicine**. London: Routledge, 1993.

BARRETT, Frank. A. **Disease & geography: the history of an idea**. Toronto: Atkinson College, Dept. of Geography, 2000.

BLANCHARD, Raphael. Questionnaire de zoologie médicale: instructions à l'usage du corps de santé de la marine'. **Archives de Médecine Navale**. Tome 44, 1885. Pp.43-69

BOUDIN, J. CH. M. **Essai de Géographie médicale**. Paris : J.-B. Baillièrre, 1843.

_____. **Traité de Géographie et de Statistique Médicales et des Maladies Endémiques**. Paris: J. -B. Baillièrre et fils, 1857.

BOUREL-RONCIERE, Paul Marie Victor. Hygiène générale des localités par les bâtiments faisant partie de cette station navale. **Archives de Médecine Navale**. Tome 17, 1872.

BOURGUET, M.-N. ; LICOPPE, C. Voyages, mesures et instruments : une nouvelle expérience du monde au Siècle des Lumières. **Annales HSS**, septembre-octobre, n° 5 : 1115-1151, 1997.

BOURGUET, Marie-Noëlle ; BONNEUIL, Christophe. **De l'inventaire du monde à la mise en valeur du globe: botanique et colonisation (fin XVIIe siècle-début XXe siècle)**. [S.l.] : [s.n.].

BROCA, P. Instructions générales pour les recherches et observations anthropologiques. **Archives de Médecine Navale**, Tome 3, 1865. Pp. 369-504.

BROWNE, J. Natural History collecting and the Biogeographical tradition. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, vol. VIII (supplement), 959-67, 2001.

CABANIS, Georges. Introduction. **Gazette Médicale de Paris**. Paris : [s. n.], 1:1(1830).

CAPONI, Sandra. La crise des thèses du pessimisme climatique. Le lien entre le paludisme et les questions sanitaires et climatiques. **Colloque sur Les maladies parasitaires au Brésil : naissance d'une nosographie (1880-1935)**. Fiocruz/Rio de Janeiro, UFSC/Santa Catarina, Institut Pasteur/Paris, 3-5 fév. 2005.

CELLE, Eugène. **Hygiène pratique des pays chauds; ou, Recherches sur les causes et le traitement des maladies de ces contrées**. Paris: Masson, 1848.

CHARTIER, Roger & CORSI, Pietro (org.). **Sciences et langues en Europe**. Paris: Centre Alexandre Koyré, CNRS, EHESS, MNHN, 1996.

CURTIN, Philip D. Disease and Imperialism. Arnold, David (org). **Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine, 1500-1900**. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1996. P. 99-107.

_____. **Death by migration: Europe's encounter with the tropical world in the nineteenth century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DECHAMBRE, A. **Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Médicale**. Paris : G. Masson, P. Asselin, 1882.

DUPLOUY. Bibliographie. **Archives de Médecine Navale**. Tome 2, 1864. Pp. 573-81

EDLER, Flávio Coelho. **A constituição da medicina tropical no Brasil oitocentista: da climatologia à parasitologia médica**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1999. (mimeo)

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Volume 2(b)

FONSSAGRIVES, A. Climats. In Dechambre, A. **Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Médicales**. Paris: G. Masson, P. Asselin, 1876. Pp. 118-119.

GRMEK, M. D. Géographie médicale et histoire des civilisations. **Annales ESC**, (6): 1071-1097, 1963.

GUIMARÃES, M. L. S. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. VII(2), 389-410, jul.-out. 2000.

HANNAWAY, Caroline. Environment and Miasmata. In Bynum, W. F. & Porter, Roy. **Companion Encyclopaedia of the History of Medicine**: London: Routledge, 1993. Pp. 292-308.

HARRISON, Mark. 'The Tender Frame of Man': Disease, climate, and racial difference in India and the West Indies, 1760-1860. **Bulletin of the History of Medicine**, 70:68-92, 1996.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saude - Manguinhos**, vol. VIII (suplemento), pp. 863-80, 2001.

LEONARD, Jacques. **Les officiers de Santé de la Marine française de 1814 à 1835**. Paris : Librairie C. Klincksieck, 1967.

LE ROY DE MERICOURT, A. Introduction. **Archives de Médecine Navale**. Tome 1, 1864.

LEVY, Michael. **Traité d'Hygiène publique et privée**. Paris : J.-B. Baillièere, 1844.

LÖWY, Ilana. **Virus, moustiques et modernités**. Paris : Éditions des Archives Contemporaines, 2001.

MAHE, Jean Baptiste. Géographie Médicale. In Dechambre, A. **Dictionnaire Encyclopédique des Sciences Médicales**. Paris: J.-B. Baillière, 1882. Pp. 1-400.

MOULIN, Anne-Marie. De la médecine tropicale à la santé plurielle. In Moulin, Anne-Marie (org.). **Médecines et santé: les sciences hors d'Occident au XXe siècle**. Volume 4. Paris, Orstom Éditions, 1996.

_____. Tropical without the Tropics: The Turning-Point of Pastorian Medicine in North Africa. In Arnold, David (org.). **Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine, 1500-1900**. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1996.

NARAINDAS, Harish. A genealogy of the advent of Tropical Medicine. In Moulin, Anne-Marie. **Médecines et Santé**. Vol. 4, Paris, UNESCO, 1994. Pp.31-56.

OSBORNE, Michael A. Resurrecting Hippocrates: Hygienic Sciences and the French Scientific Expeditions to Egypt, Morea and Algeria. In Arnold, David (org.). **Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine, 1500-1900**. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1996. Pp. 80-98.

PETER, Jean-Pierre. Constitution Médicale. In Lecourt, Dominique. **Dictionnaire de la pensée médicale**. Paris : Puf, 2004. Pp. 279-82.

POTELET, Jeanine. **Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français, 1816-1840**. Paris: Éditions L'Harmattan, 1993.

ROSENBERG, Charles E. The Therapeutic Revolution: Medicine, Meaning and Social Change in 19th - Century America. In Leavitt, Judith Walzer & Numbers, Ronald L. **Sickness and Health in America**. Wisconsin : The University of Wisconsin Press, 1985. Pp.39-52.

POTELET, Jeanine. **Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français, 1816-1840**. Paris: Éditions L'Harmattan, 1993.

ROCHARD, Jules. De l'influence de climats sur l'homme, et des agents physiques sur le moral. Archives de Médecine Navale, tome 9: 231-235, 1868.

SIGAUD, J. -F. X. **Du Climat et des Maladies du Brésil ou Statistique Médicale de cet Empire**. Paris: Chez Fortin, Masson et Cie, Libraires, 1844.

SIGERIST, Henry E. **A History of medicine**. New York : Oxford University Press, 1961.

STEPAN, Nancy L. Tropical Medicine and public health in Latin America. **Medical History**, 42(1): 104-112, 1998.

THEVENOT, Jean Pierre F. **Traité des maladies des européens dans les pays chauds, et spécialement au Sénégal, ou Essai Statistique, médical et Hygiénique, sur le sol, le climat et les maladies de cette partie de l'Afrique**. Paris : J.-B. Baillière, 1840.

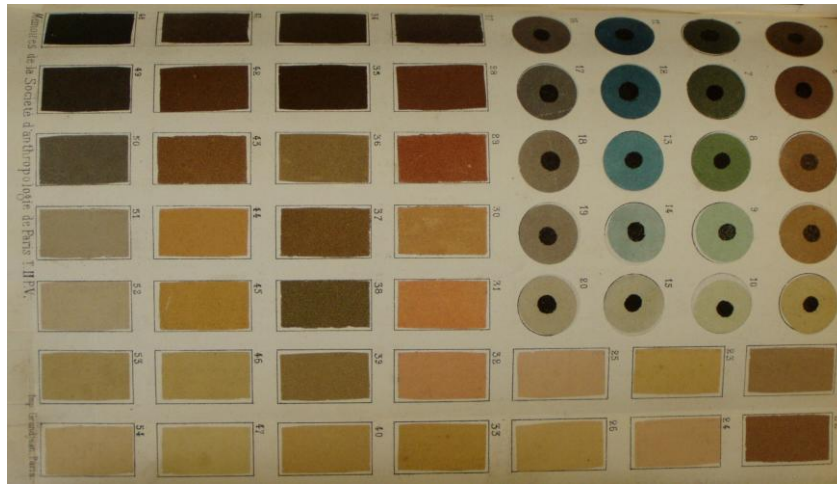
THOUIN, André. **Instructions pour les voyageurs et les employés dans les colonies: sur la manière de recueillir, de conserver et d'envoyer les objets d'histoire naturelle, rédigées sur l'invitation de M. le ministre de la marine et des colonies - par l'administration du Muséum impérial d'histoire naturelle**. Muséum national d'histoire naturelle. Paris: A. Sirou, 1845.

WORBOYS, Michael. Germs, Malaria and the Invention of Mansonian Tropical Medicine: From 'Diseases in the Tropics' to 'Tropical Diseases'. In Arnold, David (org.) **Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine, 1500-1900**. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 199. Pp. 181-207.

_____. Tropical Diseases. In Bynum, W. F. & Porter, Roy. **Companion Encyclopaedia of the History of Medicine**. London: Routledge, 1993. Pp. 512-13.

_____. The emergence of tropical medicine: a study in the establishment of a scientific speciality. In Lemaine, G (*et al*). **Perspectives on the Emergence of Scientific Disciplines**. London : The Hague, 1976.

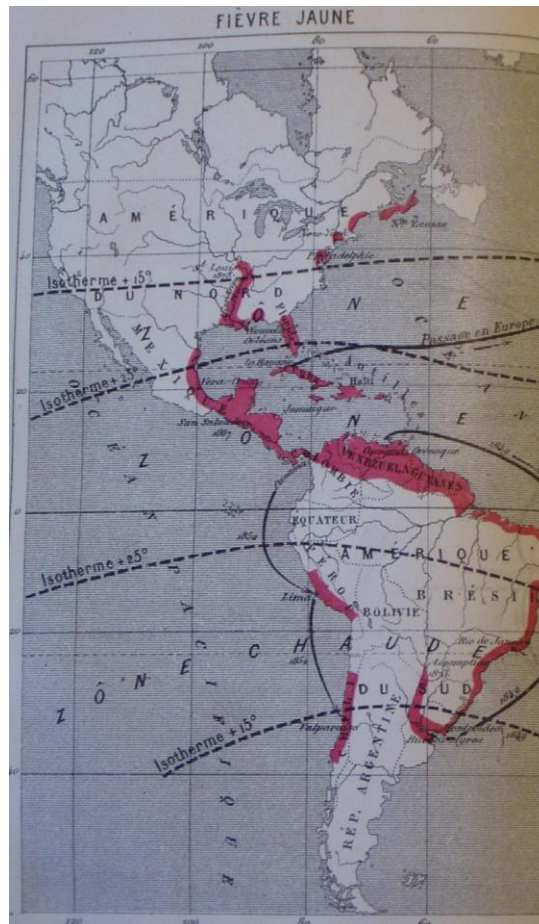
ANEXO 1



Escala cromática da cor dos olhos : « (...) Os observadores encontrarão, sem dúvida, alguns tipos que poderão não se encaixar neste nosso quadro de referência. Desta maneira, convidamos o observador à pegar a pena e a reproduzir a cor dos olhos no papel; isto nos permitirá a complementação dos nossos estudos sobre a cor dos olhos».

Fonte: BROCA, Paul. Instructions générales pour les recherches des observations anthropologiques. **Archives de Médecine Navale**. Tome 3, 1865, p. 420.

ANEXO 2



« A febre amarela é uma doença exclusiva das zonas tórridas (...) ».

Fonte : BORDIER, A. **La géographie médicale**. Vol. 1. Paris: C. Reinwald, 1884. P. 271